

2ª Edição

Novembro e Dezembro

Bimestral

Por Todos Para Todos



à
margem
q.b.

Índice

- 02. Capa e Memória
- 02. mar e sal .. o pastor de ondas
- 04. A Curiosidade e o Gato
- 04. Quê? E há mais!? As identidades para além do LGBT
- 06. No Sopé de Parnaso .. Ítaca Adiada
- 07. onde foste depois que fizeste a curva?
- 08. AGENDA
- 10. Duality
- 10. Amote Rute
- 10. Demasiadas vezes penso
- 10. T de Tulipa
- 12. Colaboração além da investigação: como podem os cientistas cooperar numa economia comunitária
- 13. O Mundo é Pequeno
- 16. As Células da Tolerância: Como o Corpo Aprende a Não se Atacar - e Como Isso Venceu o Prémio Nobel
- 16. A PALAVRA ESTÁ A MORRER
- 16. Voo de Ícaro
- 17. Hoje a minha casa ardeu.
- 17. Cristianismos .. Velozes e Furiosos: A Mão de Júlio César

Contactos

Para submissões, questões, sugestões, reclamações.

E-mail: amargemqb@gmail.com

Instagram: [@amargemqb](https://www.instagram.com/amargemqb)

Participação

Afonso Martins
Afonso Ribeiro
Amélia Pomar
Ana Vales
António Vicente
Cristiano Barata
Fausto Nunes
Francisco Guerreiro da Silva
Francisco de Jesus
Gaiato Anónimo
Glinda to Elphie
Inês Pinto
Martim de Freitas
Orlando Ferreira
Pedro Copeto
suck
Tiago Caldinhas
Zé Costa

Participaram os seguintes núcleos, associações e entidades

AEFCT	NNT
Ecozoic	NuCoRes
GAPAV	NuMAC
In-Nova	NovaSekai
NAS	NuAr
NBCM	NuCraft
NC	NuPRIDE
NEEC	TunaMaria

Capa e Memória

Rúbrica de **Pedro Copeto**

Podia ser hoje, aqui. Mas esta história foi por esta altura, há 105 anos, em Coimbra.

O problema na ordem dos dias de então, que, na verdade, até já vinha de bastante antes, era o da falta de um espaço digno para nós, estudantes. Inclusive, a falta de um espaço onde pudéssemos instalar a nossa Associação Académica.

Depois de longos anos em disputa por espaços com o *Clube dos Lentos*, em 1911, lá nos instalaram no rés-do-chão do Colégio de S. Paulo Eremita, na Rua Larga, onde, nos restantes andares do mesmo edifício, se encontrava este nosso rival com espaçosas e requintadas instalações. Logo nesta altura nos foi prometido que isto seria provisório e logo em breve teríamos direito a todo o edifício para as nossas atividades.

Os anos foram passando, e as atividades associativas foram crescendo. Com isto, foram sendo feitas diligências para que nos fosse cedido mais espaço, que só resultavam em novas promessas sempre adiadas.

Ora, foi a demora no cumprimento destas promessas vazias e o crescente sentimento de falta de consideração para conosco, que levou a que se colocasse em marcha um dos movimentos com maior secretismo de que tenho memória: a ocupação dos andares superiores do nosso edifício.

A iniciativa era arriscada. Tínhamos a sede do Governo Civil e a esquadra policial como vizinhos, e o insucesso da operação certamente resultaria nos envolvidos “riscados” para sempre da Universidade.

Fomos divididos em grupos sem comunicação entre nós, com uma comissão central cuja composição só era conhecida pelos chefes de cada grupo. Cabia a um grupo tomar o *Clube dos Lentos*; a outro, ocupar a Torre da Universidade, com a missão de fazer tocar a Cabra logo que um morteiro assinalasse o sucesso da operação; e aos restantes, controlar a área e distrair as autoridades civis e académicas que pudessem aparecer.

O plano estava traçado. Um ferreiro amigo e conhecido

republicano fez-nos cópias de todas as chaves de que precisaríamos e, pelo que me disseram, quando lhe fizeram a encomenda, disse logo: “É contra os talassas? Se é, faço tudo de graça.”

Constou que havia suspeitas das nossas movimentações, e o golpe, que estava simbolicamente marcado para o 1º de Dezembro, foi antecipado.

Eram 6h45 de 25 de novembro. Em Coimbra ressoou a explosão de um morteiro, seguida dos repiques dos sinos da Universidade. Uma capa negra foi içada no mastro da Torre. Das varandas do ex-*Clube dos Lentos* eram lançados foguetes.

Uma multidão de estudantes rodeou o edifício. Em assembleia magna decidimos enviar telegramas ao Presidente da República, Presidente do Governo, e Ministro da Instrução Pública, dando conta da instalação da AAC na nova sede e manifestando o mais ardente desejo de prosperidade para Portugal. Desconhecendo o que de facto se tinha passado, os três governantes responderam retribuindo calorosamente os cumprimentos recebidos e desejando todas as felicidades à esperançosa Academia de Coimbra.

Estava consumado aquilo que ficou conhecido por **Tomada da Bastilha**.

Nessa noite, um cortejo com archotes percorreu as ruas de Coimbra, celebrando o feito - ritual que se repete, anualmente, até aos dias de hoje.

- Pedro Copeto



Por entre o lamento agudo do vento, reconheço o som do passadiço a ranger. Ele salta para a areia. As dunas já conhecem a forma dos seus pés. As perpétuas abanam as suas flores amarelas. Ele estende o seu olhar sobre o mar e pára, ..., e fica. Na aldeia chamam-lhe o pastor de ondas.

Ninguém sabe de onde veio, mas toda a gente tem uma vaga memória dele. Essa memória parece inevitável, resistente ao tempo e ao espaço, comum a todos e estranho a nenhum. Muito poucos dizem conhecer a voz dele e ninguém acredita nos que o dizem. Aliás,

todos sabem que ele não fala com palavras. Comunica com uma série de expressões faciais e corporais, grunhidos e olhares crus.

Tive esta conversa com uma criança:

- Boa tarde.

- Sim.

- Sabes quem é aquele? -

Aponto para o pastor de ondas.

A criança pousa a pedra que tinha na mão, olha para onde eu aponto e volta a apanhar a pedra.

- Sei. É o macuco.

- O quê?

- Macuco... ele chama-se... hãhã...

macuco é o nome dele.

- Queres dizer maluco?

- Foi o que eu disse.

- Obrigado.

- Sabes que ele já me disse olá?

- Quando?

- Há duas luas. Olhou para trás e viu-me a olhar para o mar. E acenou assim para mim, olha:

A criança abana entusiasmadamente o braço no ar.

Decidi que precisava de o conhecer melhor, de o conhecer por ele. No primeiro dia, limitei-me a estar na praia, longe dele, e imitá-lo. Comecei por fixar o meu olhar nele. Depressa percebi que não seria difícil. Para imitá-lo basta olhar para o mar. Nos dias que se seguiram fui me aproximando, devagarinho. Ao sexto dia, estávamos tão perto que conseguia ver as suas cicatrizes. Nos pés, nas mãos, nos gémeos e nas canelas. Mas sobretudo nos pés. À medida que me aproximava, fui reparando em pequenos maneirismos: as suas mãos raramente estavam quietas, e parecia fazer uma espécie de dança incrivelmente subtil com os seus dedos; o seu bigode parecia arrebitar ou murchar de tempo a tempo. Primeiro pareceu-me aleatório, mas de tão rotineiramente o encarar suspeitoi que fosse um instinto, uma reação ao seu meio. Um “sexto sentido”.

Ao décimo dia reparei que estava sempre muito perto do mesmo sítio. Para o testar, nessa noite marquei o lugar das suas pegadas e dormi na praia, para ter a certeza que o vento não as apagava. No raiar da madrugada, ele apareceu e os seus pés coincidiram exatamente no mesmo sítio de ontem. E não só o lugar onde parava, mas o caminho que levava era exatamente o mesmo. Ele parecia conhecer a duna como

quem espera conhecer o vizinho. A partir desse dia, passei a fazer o caminho sempre atrás dele e sempre pisando apenas onde ele já tinha pisado.

Ao décimo sétimo dia, ele mostrou-se consciente de mim. Começou como um dia normal. Um dia especialmente árido. Não soprava uma aragem e não se via um rebento de nuvem no céu. O pastor de ondas chega-se perto do mar, levanta um pouco de água com as mãos e despeja sobre a sua cabeça. Faz isso uma e outra vez. Eu sigo-o e voltamos à posição original. Nem uma hora tinha passado e o sol implacável tinha secado a água e só restavam as arestas cortantes do sal na minha cara. Comecei a sentir-me fraco. Ele vira a cabeça, mexe ligeiramente os ombros enquanto transmite com o seu olhar um pedido de movimento. Os seus olhos passam de mim, para o mar, de volta para mim. Eu descí até ao mar, repeti o processo e o mar fresco foi como uma lufada de ar fresco. Voltei para a minha posição e continuei a olhar para o mar.

Ao vigésimo dia, comecei a entender algumas pistas que ele me deixava nos seus olhos. A maneira como sobem na crista das ondas, surfam até à costa só para se enrolarem na rebentação e serem puxados pela corrente para o mar alto, onde repetem tudo outra vez. Este homem não olha para o mar com a calma apática de um insecto acéfalo. Ele compreende o movimento de cada uma das suas ondas, quase como se do seu rebanho se tratasse. Ele domou o vento e faz dele o seu cão pastor, que rodeia as ondas e as protege e as guarda.

Por esta altura, tinha muitas dificuldades em separar o real do surreal. Quanto mais tempo passava com o pastor, mais certo ficava que ele tinha poderes sobrenaturais. Porquê a praia? Porquê as ondas? O que é que ele recebia desta relação? A verdade é que, normalmente, um pastor usa o leite, a lã, a carne das suas ovelhas. Mas o que pode ele querer das ondas?

Apesar de não responder diretamente a estas perguntas, fui reparando em mais pormenores: ele parecia irremediavelmente engolido em contentamento. Nada lhe parecia faltar, porque ele não parecia querer mais nada. Independentemente do dia, ele respira o mesmo ar frio e salgado que as ondas respiram; descansa

sobre o mesmo chão de areia onde as ondas descansam. Certos dias está mais focado e atento; noutros dias parece mais abstraído e mole. Ele está saciado, física e psicologicamente. Ele vê nas ondas uma fonte.

Ele vê vida onde eu não a via.

Ao trigésimo dia, ele franziu as sobrancelhas. Nunca tinha visto aquela expressão nele, nem uma tão expressiva. A tarde passou e o sol recolheu-se a horas, como sempre, mas o pastor não se mexeu. A mesma expressão tinha ficado na sua cara, fixada num canto do mar, entre dois grandes rochedos, um deles mais baixo e arredondado que o outro. Quando a noite se pôs ele aproximou-se desse canto. Tentei segui-lo mas a duna parecia prender-me os pés. Esforcei-me ao máximo para me chegar mais perto, mas em vão. O pastor de ondas caiu nos próprios joelhos. O corpo dele balançava a um ritmo soluçante. O pastor de ondas chorava.

A noite passava-se naquele momento, congelada. Eu olhava de longe para a tristeza do pastor. Já não me tentava saltar da areia. Comecei a pensar nela como amiga do pastor. Senti um empurrão por parte dela que me levou para ao pé dele. Agi por instinto, decidi agarrar a sua mão e, com a outra, agarrei a areia. Como um choque elétrico, senti uma vontade incontrolável de chorar, e partilhei as lágrimas do pastor. Ele apertava com força a minha mão e limpava a cara com a outra. De tanto chorar, as lágrimas saíam-lhe secas, apenas grãos de sal. Obriguei-me a viver a tristeza deste pastor, a maior que alguma vez tenha vivido. É o fado do pobre empático. Como sou sequer capaz de sofrer por algo que não conheço? Porque é que me sinto forçado a fazê-lo?

A dor era imensa e a areia apercebeu-se. Puxou-me a bainha das calças e puxou-me de volta para o mundo. Olhei para baixo e vi os seus braços e pernas, agarrados a mim. Sorri. Olhei com mais força e vi um esboço de uma cara nos seus grãos. Cada vez sentia mais a realidade. Ouvi o vento a passar e levantei o olhar e vi-o a correr à minha frente. Ouvi o ronronar das rochas que se esfregam na rebentação. Senti-me puxado e olhei para a frente. E vi-as. Todas as ondas a trotar pelo vasto pasto azul, umas mais velhas, outras mais novas, umas rápidas e esquivas, outras imponentes e autoritárias.

Todas elas faziam passar tanta energia, eram como mil fogos de artifício de uma só vez. Não sentia falta de luz à noite, agora que conseguia ver. Ri. Gargalhei e gritei, explodi de alegria, corri em círculos desenfadadamente.

Subitamente, invadiu-me o mesmo contentamento que via na cara do pastor. Voltei a ele e vi. Agarrado nos seus braços, o pastor de ondas tinha uma onda. Muito pequenina, já com pouca água, ela abanava-se decrépita numa poça. Devagarinho, a luz preclitante dessa onda desvaneceu. O pastor abana o corpo como quem sacode fisicamente a saudade. Pega num bocado de água daquela poça com as mãos e despeja sobre a sua cabeça. Muito baixinho, sobre um ofegar cansado, repete freneticamente uma frase. A seguir, despede-se da onda e olha para o horizonte, para o mar de ondas. Elas são filhas do mar e da energia. Não são um rebanho, são crianças. São o futuro do universo. São vivas.

Ajudei-o a levantar-se. Dei-lhe um abraço forte e ouvi-o, mais claramente do que nunca. Senti a tristeza a levantar o seu véu sobre este canto do mar. O nevoeiro dissipou-se. O sol trepava o céu. Era um novo dia.

Nesse dia dormi na praia. Quando acordei, não vi o pastor. Dei a volta e passei pelo passadiço. Cada passo meu fazia ranger as tábuas de madeira. Salto para a areia. As dunas já conhecem a forma dos meus pés. As perpétuas abanam as suas flores amarelas. Estendo o meu olhar sobre o mar e páro, ..., e fico. Na aldeia, chamam-me o pastor de ondas.

- suck

Tuna Maria

Em novembro e dezembro temos:

- Realização, pela primeira vez, de uma **Quiz Night** - dia 10 de novembro (20h30, Sala Ágora);
- Atuação como tuna extraconcurso no Ruralidades - dias 14 e 15 de novembro;
- Atuação como tuna a concurso no IX Tunão - dias 21, 22 e 23 de novembro.

Ensaios todas as terças e quintas: 21h, Ed. IV, sala 204.





Júnior Empresa de Consultoria
Tecnológica da NOVA/FCT

A In-Nova marcou presença no IX JENC - Júnior Enterprises National Conference!

A In-Nova esteve representada no IX JENC, que decorreu no Porto, naquela que é uma das maiores e mais importantes conferências do Movimento Júnior em Portugal. Durante dois dias, júnior empresários de todo o país reuniram-se para aprender, partilhar experiências, criar ligações e projetar o futuro do empreendedorismo jovem em Portugal.

Com *workshops*, momentos de *networking*, *keynote speakers* e *Assembleias Gerais* da Júnior Enterprises Portugal, o IX JENC foi uma oportunidade única para reforçar competências, trocar ideias com outras Júnior Empresas e continuar a elevar o nome da NOVA FCT a nível nacional.

A participação da In-Nova neste evento reflete o nosso compromisso em:

- Representar a NOVA FCT no panorama nacional da inovação e consultoria júnior;
- Trazer novas ideias, aprendizagens e contactos para potenciar os nossos projetos;
- Garantir que os nossos membros têm acesso às melhores experiências de desenvolvimento pessoal e profissional.

Estar presente no JENC é mais do que participar num evento, é fazer parte de um movimento que capacita estudantes a serem os líderes, empreendedores e profissionais do futuro.

A In-Nova continua a reforçar o seu papel como espaço de crescimento, impacto e excelência dentro e fora da faculdade.

Queres fazer parte desta jornada e representar a NOVA FCT nos próximos eventos nacionais e internacionais?

Fica atento... oportunidades incríveis estão a caminho!

A Curiosidade e o Gato

Por António Vicente

A palavra “curiosidade” vem do latim *curiositas*, e está etimologicamente relacionada com a ideia “desejo de conhecer”, “estar atento” e da palavra *cura* que significa “cuidar”. Nesta perspetiva, ser curioso significa avançar cuidadosamente. Qualquer das maneiras significa avançar.

Por outro lado, a Natureza não é nenhum bicho-papão, e não tem de o ser, porque a essência do medo é algo natural. Quando olhamos para esta com aversão e indiferença, colocamo-la num estado distante e divergente de nós. Embora o ambiente não fique estagnado por isso, uma vez que está em constantes mudanças, a nossa relação com ele é assim perturbada e, de certo modo, a nossa qualidade de vida e até a nossa própria sobrevivência.

Como é que queremos fazer pão se nem as migalhas devolvemos à Natureza? Temos de nutri-la se queremos continuar a progredir e, supostamente, a evoluir. Há tantas oportunidades, recursos e vontades para que possamos seguir um caminho mais sustentável e em paralelo com ela, tornando-se realmente mais fácil perceber e interiorizar que o efeito borboleta não é por acaso.

A nossa maior responsabilidade é o outro, o outro que também cuida de nós, que cuida e é cuidado pela Mãe Natureza. A curiosidade ainda não matou o gato, e não deixes que isso aconteça, nem agora nem amanhã.

- António Vicente

Quê? E há mais!? As identidades para além do LGBT

Texto submetido pelo NuPRIDE

Sendo inicialmente designadas apenas como gays, um maior entendimento da complexidade da sexualidade humana originou a sigla LGB (lésbicas, gays, bissexuais) para se referir a este grupo de pessoas. Pouco depois, surgiu a sigla LGBT, adicionando-se pessoas transgénero à sigla. Assim, esta

comunidade, inicialmente agrupada toda com um termo redutor da mesma apenas a pessoas homossexuais, ganhou uma sigla mais representativa da complexidade de orientações sexuais e identidades de género existente. Esta sigla é usada até hoje; porém, também ela se expandiu, originando siglas como LGBTI, LGBTQ, ou até LGBTQQICAPF2K+. Enquanto que as identidades representadas pelas letras LGBT são minimamente conhecidas pela população geral hoje em dia, muitos nunca ouviram as que formam o resto da sigla.

A sigla mais aceite atualmente para a inclusão de toda a comunidade é LGBTQIA+, usando-se também LGBT+ ou o termo *queer*. Nesse caso, o que significam estas letras, assim como o ‘?’ O ‘Q’ significa *queer*, palavra inglesa usada para algo estranho ou esquisito, sendo no passado um insulto para pessoas que fugiam às normas de género e sexualidade. Apesar de ainda hoje controverso devido ao seu contexto histórico, o termo foi adotado pela comunidade, unindo-nos como similares ao invés de nos englobar como “anormais”. Assim, é agora usado para se referir a toda a comunidade e a quem a ela pertence, mesmo que não se identifique com nenhum outro termo. Semelhantemente, a letra ‘Q’ representa também aqueles que ainda se estão a descobrir, a explorar e a questionar.

A sociedade atual engloba toda a população humana no sistema binário de masculino e feminino



relativamente ao nosso sexo. Porém, a comunidade LGBTQIA+ inclui identidades que fogem a este sistema. O “I” é representativo de pessoas intersexo, pessoas cujas características sexuais não encaixam neste binário, podendo isto refletir-se nos cromossomas, na genitália, na produção de hormonas e/ou em características sexuais secundárias. Ao nível dos cromossomas, uma pessoa intersexo pode apresentar cariótipos diferentes do XX e do XY, tais como XXY, XYYY ou XYYYY, ou até mosaicismos, um distúrbio em que um indivíduo apresenta diferentes combinações e/ou número de cromossomas em células diferentes. Uma pessoa intersexo poderá possuir um sistema reprodutor diferente do usual, podendo possuir genitália ambígua ou até órgãos externos de um sexo e internos do outro. Indivíduos intersexo podem ainda apresentar ambiguidade em diferentes características sexuais, um exemplo disso sendo a Síndrome da Insensibilidade Androgénica (SIA), em que pessoas com cromossomas XY, típicos do sexo masculino, formam características sexuais secundárias ou até genitália semelhante à típica do sexo feminino. Devido à enorme diversidade de variações intersexo, sendo muitas raras, não observáveis pelo aspeto externo ou apenas se manifestando em idades mais avançadas, muitas pessoas só descobrem que são intersexo na puberdade ou em adultas, algumas nunca descobrindo ao longo de toda a sua vida. Estima-se que a percentagem de pessoas intersexo pode ir desde 0.018% até 1.7%.

Após desafiar a binariedade do sexo, vamos desafiar igualmente a sexualidade e atração humanas. O ‘A’ é representativo de assexualidade, a falta de desejo ou atração sexual por pessoas de qualquer género. Esta falta de atração pode ser total, quando atração sexual não é sentida de todo, ou parcial, quando só é sentida em casos raros ou específicos, como na demissexualidade, em que existe apenas quando há uma conexão emotiva ou afetiva forte. Uma pessoa assexual pode sentir outros tipos de atração, inclusive romântica, podendo, por exemplo, apaixonar-se por outras pessoas

mesmo não sentindo vontade em ter relações sexuais. Ser assexual não significa, porém, ter advertência ao sexo. Algumas pessoas assexuais podem realmente vê-lo como algo negativo, mas outras são indiferentes a sexo, ou podem até gostar de ter estas relações mesmo sem sentir atração, por exemplo, para satisfazer as pessoas com que namoram. Assexuais podem ou não sentir vontade de se masturbar e obter prazer ao fazê-lo. Continuando no ‘A’, esta letra representa também aromanticidade, a falta de atração romântica por outras pessoas. Pessoas aromânticas, por vezes, procuram relações que, sendo puramente platónicas, são mais próximas que amizades comuns, e podem sentir ou não atração sexual.

É desta variedade de identidades que surge a importância do ‘+’, representante de todas aquelas que ficaram por falar, como por exemplo panssexual, não-binário, poliamor e género fluido. Há tantas formas de expressão e de ser como há seres humanos, e por mais palavras que criemos para descrever a experiência e o sentimento humano, sempre haverá mais.



No ano em que a Ecozoic - Associação de Jovens para o Ambiente e Direitos Humanos - celebra 15 anos, a XII Edição do Congresso 4US trouxe à NOVA FCT um programa de 10 oradores, um debate e dois *workshops* que ligaram diversos temas da atualidade. Este evento, organizado todos os anos pela associação, tem como objetivo promover o diálogo sobre questões relacionadas com sustentabilidade e ambiente, direitos humanos e justiça social.

Este ano, o Congresso teve, para além dos seus temas habituais, um foco na parte social, sendo que os oradores falaram desde florestas ao oceano, de grutas a alcateias de lobos, de voluntariado à saúde

ambiental. O leque de convidados foi bastante diverso, desde influencers como a Andreia Fernandes da One Health Science, a ativistas como Francisco Paupério, ex-candidato ao Parlamento Europeu, ou Elisa Nair Ferreira do projeto Desafio Vegetariano.

Houve ainda espaço para pela primeira vez os jovens se poderem expressar, através do debate “Os Jovens e a Justiça Climática e Social em 2025”. Neste debate, moderado pelo Jovem Repórter para o Ambiente André Manteigas, participaram os jovens António Vicente, do Núcleo de Ambiente e Sustentabilidade, Maria José Vieira, da Ecolojovem - Juventude do Partido Ecologista “Os Verdes”, e ainda Mariana Barata, Presidente da Associação Ryse. Estes jovens puderam expor as diferentes realidades e dificuldades do associativismo jovem, tendo em conta as suas diferentes dimensões de atuação (local, política e nacional, respetivamente). O momento resultou num diálogo entre oradores e plateia, onde todos os jovens puderam participar.

Os oradores não foram o único foco desta edição. O Congresso contou mais uma vez com a Mostra de Arte, onde participaram Mauro Hilário e Inês Pinto, dois artistas com peças bastante distintas. Enquanto que o primeiro trouxe poesias da sua autoria, assim como o seu livro “Perspectives in Mind”, a Inês trouxe desenhos e pinturas das mais diversas variedades.

Aliado ao programa, o evento contou ainda com a ajuda de núcleos de estudantes da faculdade, através da atuação do Núcleo de Música, Arte e Cultura, e ainda com o Mercado de Trocas do Núcleo de Ambiente e Sustentabilidade (NAS). Na opinião dos participantes, esta edição do Congresso 4US foi um sucesso, ansiando já a XIII Edição no próximo ano. Decorreu nos dias 29, 30 de setembro e 01 de outubro, e contou com mais de 100 participantes ao longo dos dias, desde jovens estudantes de diferentes cursos, a professores e funcionários da NOVA FCT.

Se tiveres curiosidade em aprender mais sobre as nossas atividades e projetos, segue-nos nas redes sociais (*Instagram* e *TikTok*), ou então visita o nosso website!

@ecozoic_ www.ecozoic.pt

No Sopé de Parnaso

Rúbrica de **Francisco Guerreiro da Silva**

ÍTACA ADIADA

«Eu hei-de amar uma pedra
Deixar o teu coração»

Saiu o Nobel de dois mil e vinte e cinco. E não foi para António Lobo Antunes.

A frase repete-se como um ritual antigo, um fado que já não dói, apenas acontece. Há uma melancolia quase doméstica nesta repetição, como o gesto de abrir a janela todas as manhãs e constatar que o mundo continua igual, imune à justiça. Mas em mim, leitor anónimo, há um certo rancor — um amor ferido, como se o mundo estivesse a falhar-me a mim, e não a ele.

Imagino o velho Lobo, imóvel, com o olhar perdido, as mãos pousadas sobre o vazio. Está lá dentro, algures entre as ruínas do seu ser — o seu último livro, talvez o mais terrível, aquele que nunca será escrito.

Há escritores que pertencem ao seu tempo, e há os que o transcendem. Lobo Antunes não cabe em prémios nem em vitrinas. É uma espécie de país subterrâneo onde as palavras são feridas e remendos, e onde o silêncio tem o mesmo peso que a carne.

Mesmo assim, não deixo de desejar esse instante de consagração. Talvez por justiça, talvez por vaidade de leitor. Gostaria de vê-lo subir ao palco de Estocolmo, de vê-lo debruçar-se sobre o microfone e, num murmúrio irónico, dizer: *demoraram quarenta anos a perceber o óbvio*. Mas sei que isso não acontecerá. Porque Lobo Antunes não é homem de microfones. É homem de silêncios.

Ainda assim, continuo a desejar-lhe o Nobel, mesmo sabendo que ele o não saberia receber. Mesmo sabendo que o seu corpo já não é morada de si. Gostava de ver o mundo ajoelhar-se diante dele, ainda que ele não reconhecesse o gesto. A justiça existe para os que a não precisam. Lobo Antunes nunca

precisou de justiça — bastou-lhe o abismo.

Talvez, a sua glória esteja precisamente nisso: em continuar à espera. A espera é o seu ofício. A espera pela voz, pela palavra, pela revelação.

Disse, certa vez, que para ser escritor são precisas três coisas: paciência, solidão, orgulho. São três portas para o mesmo inferno, e ele atravessou-as todas.

A paciência, primeiro: essa esperança por algo que não se pode provocar. Ele fala da voz — aquela voz, talvez, do fundo do tempo ou da memória dos mortos. Aquela voz que chega sem aviso, como uma corrente de ar frio num quarto fechado. Diz que não escreve nada, que é a voz que lhe dita, e a mão, obediente, dança alegremente sobre o papel. Gosto desta imagem da dança, do corpo em transe. Há algo sagrado neste abandono — o escritor que se deixa possuir. Vejo-o sozinho, a ouvir a voz. Dias, meses, anos à espera de que a voz volte, de que o murmúrio o escolha de novo.

O escritor é o corpo por onde passa o murmúrio do mundo. E, nessa obediência, há humildade — mesmo quando o orgulho à superfície lateja. Mas a paciência é uma cruz. Enquanto espera, o escritor apodrece. E, no entanto, é nessa decomposição que o livro germina. Creio que é por isso que os seus romances cheiram a carne e a tempo, a gavetas que nunca se abriram, a saudade que não têm dono.

A solidão é o seu segundo sacramento. Ah, essa palavra que em Lobo Antunes é quase um continente. Não falo da solidão elegante dos poetas. Falo da solidão de quem regressou da guerra com uma ferida que não se fecha, de quem olhou a morte de perto e voltou ao mundo como quem regressa de outro planeta. Aqueles primeiros livros, uma tentativa de limpar a lama com palavras, de transformar o sangue da ferida em letra redonda, inócua. Escrever a vida para cicatrizar a chaga. Com o tempo, essa solidão deixou de ser pústula e tornou-se matéria.

Dizem que foi bonito, irresistível, que magoou mulheres por distração. Ele próprio o confessa, às vezes, com um humor cansado, como quem pede desculpa sabendo que já é tarde. Mas o que vejo nisso não é vaidade: é

desamparo. Há homens que amam para se proteger. Lobo Antunes, talvez, amou para ferir-se.

E, no fim, restou-lhe o livro. Os livros são o refúgio e o castigo. É curioso como a sua escrita, tão cheia de vozes, é afinal a mais absoluta solidão. Cada Romance, um confessional onde aquela espécie de coro fala ao mesmo tempo, e o leitor, atordoado, tenta ligar os vários fios. Mas há um momento em que percebemos: aquela multidão é uma só voz — a dele, multiplicada pela saudade.

Ao longo dos anos, percebo que a sua obra se foi tornando mais humana. Os primeiros livros eram raiva, estilhaço, uma forma de gritar contra o mundo. Agora há ternura. Há uma compaixão ferida, uma piedade sem doçura. E é essa ternura amarrotada, escondida debaixo da arrogância, que me comove.

E o orgulho. Ah, esse orgulho que é ao mesmo tempo armadura e racha. Ele diz que é preciso orgulho para escrever. E é verdade. Mas o orgulho não é vaidoso. É o orgulho do servo que obedece ao seu deus. Esse é o paradoxo: o escritor mais arrogante de Portugal é também o mais submisso à sua própria arte.

Sim, é egocêntrico, brutal, feroz. Disse que Saramago era uma merda, que Pessoa não sabia escrever porque não fodia — e, no entanto, quando escreve, ajoelha-se. Ajoelha-se diante da página, diante do mistério da linguagem. É esse o orgulho humilde, essa servidão orgulhosa, que o torna único.

Até nas edições “*ne variatur*” — esses livros que não podem mais ser corrigidos, autênticos templos selados — há uma pureza infantil: a recusa de trair o instante em que a redação nasceu. O texto é corpo sagrado, não se toca. A imperfeição é o selo do milagre.

Mas talvez tudo isto sejam apenas pretextos para falar daquilo que realmente me importa: o amor que sinto pela sua obra.

Lembro-me de ler Lobo Antunes pela primeira vez. Não se tratava de gostar ou não gostar — tratava-se de ser atravessado. Ler Lobo Antunes é entrar num quarto em penumbra e perceber que a própria luz é inimiga. As frases arrastam-se, os pensamentos repetem-se, as vozes confundem-se, e de repente — um lampejo. Uma verdade tão simples e tão fria que apetece

chorar.

Em *Eu Hei-de Amar Uma Pedra*, há um momento que nunca consegui esquecer. O autor descreve os pertences das pessoas que morreram — dos perfumes familiares que se tornam hostis, dos objetos que se fecham sobre si mesmos, das camisas dobradas, abandonadas, que nos acusam. E é verdade: quem já perdeu alguém sabe que o luto tem cheiro, que o amor morto tresanda a eternidade. Mas nas mãos de Lobo Antunes essa experiência ganha uma beleza que dói — como se a própria dor fosse um modo de ternura. Essa pedra que ele promete amar é o mundo inteiro: frio imóvel, mas eterno.

Em *Para Aquela que Está Sentada no Escuro à Minha Espera*, encontrei algo mais do que a simples beleza — encontrei o reflexo do próprio autor. A atriz que envelhece, que perde a memória, que se dissolve entre o presente e a infância, é o espelho antecipado do homem que Lobo Antunes é hoje. No penúltimo capítulo, quando a protagonista fala novamente com o pai e com a mãe, que já morreram há tanto tempo — não como lembrança, mas como reencontro verdadeiro — eu chorei. Não por piedade, mas porque senti que, por um instante, o tempo parou. A velha demente rejuvenesce. O impossível acontece: o amor regressa, a morte cala-se.

É um milagre literário — desses que já não se fazem. E agora, ao pensar nele, o próprio autor, também preso na sua cabeça, também sentado no escuro, percebe que ela o esperava, afinal, a ele.

As palavras dele não se compreendem — respiram-se. Há capítulos que se leem como se se mergulhasse debaixo de água, até faltar o ar. Depois, enquanto recuperamos da apneia, tudo começa a brilhar. Como se tivéssemos visto a verdade de relance, e a verdade fosse feita de dor.

O universo antoniano é isso: um lugar onde o humano é visto por dentro. Onde a guerra é o espelho da infância, e o amor é a continuação da culpa. Onde os mortos falam e os vivos são apenas ecos.

A sua forma — essa alquimia — merece um culto à parte. Nenhum outro escritor português escreveu assim. No início havia o ponto final,

a frase arrumada, a cedência clássica. Mas, com o tempo, Lobo Antunes libertou-se da gramática, do tempo, do mundo. Os capítulos tornaram-se rios sem margens, e só terminam quando já não há fôlego possível. As falas aparecem no meio das frases, os parágrafos dissolvem-se, as vozes trocam de corpo.

É como sonhar de olhos abertos. É difícil, sim — como deve ser. Porque a verdade nunca se mostra inteira. Ler Lobo Antunes é perder-se. É caminhar por um nevoeiro espesso até que, de súbito, se abra uma clareira e a verdade esteja lá, nua, quase insuportável. Essa verdade dói. Dói como o reconhecimento: é a vida a olhar-nos de volta.

A sua escrita é uma música sem refrão. Lê-lo é escutar Bach tocado por alguém que perdeu as mãos. Há uma cadência, uma loucura, uma ternura selvagem que não se parece com nada. Cada frase parece escrita à beira de um precipício, e o leitor, hipnotizado, avança — mesmo sem chão. Talvez seja isso que mais fascina o leitor de Lobo Antunes: o risco. Como se cada livro fosse o único, como se a própria escrita/leitura fosse um ato de sobrevivência.

Hoje ele está calado. Não escreve. Não fala. Não fuma. A mente que era um relâmpago é agora um quarto fechado. O homem que procurava ouvir a voz passou a viver dentro da sua. É cruelmente poético: a voz que lhe sussurrava calou-se e ele calou-se com ela. Mas ainda há ecos desses cantos nos seus livros. Os romances tornaram-se a sua consciência exterior — a parte de si que sobrevive. E nós, os que lemos, somos agora o prolongamento dessa voz. Leio-o e sinto que falo com ele, que o ouço ainda, que o salvo por instantes da escuridão. Cada frase cada respiração emprestada, um pouco de ar dentro da clausura.

Penso no Nobel. Penso em como seria vê-lo subir ao palco — não o homem de agora, ausente, mas aquele de outrora, vivo e furioso, a olhar o mundo como quem o despedaça com uma só palavra. Imagino-o, novamente, a curvar-se sobre o microfone e dizer, num tom seco, sardónico: *até que enfim*. E depois a sair sem agradecer. Mas isso nunca acontecerá. Nem precisa. Há prémios que não se dão — revelam-se. Lobo Antunes é o

prémio de quem lê. O prémio secreto, o ouro escondido nas ruínas, o milagre que se repete cada vez que abrimos um livro e sentimos, de novo, aquela voz.

A voz que ele esperava.

A voz que ainda o visita.

A voz que agora também me sussura
a mim, no escuro.

E é nesse murmúrio que percebo:

«Que se foda o Nobel!»

A eternidade já o escolheu...

Escrito num jato

Francisco Guerreiro da Silva

13.outubro.2025

onde foste depois que fizeste a curva?

Por Fausto Nunes

Na rua. Sobre mim, um candeeiro sinistro ilumina-me a nuca - e no chão, por entre um mar de cimento ocre, a minha suposta sombra. «E como poderei saber que me ilumina a nuca?» - tenho tendência para desconfiar, para desviar. Como um cão atrás da cauda, rodo sobre mim mesmo atrás do real. E disparos de luz encandeiam-me sem cessar.

Ele fez a curva e desapareceu. Fundiu-se na rua, na cidade, entre as pessoas e a calçada, condensou-se no respirar febril duma criança. Não tenho a certeza disto - não consigo ter a certeza disto, embora o intua acima de todas as coisas.

No outro dia fez frio e pela primeira vez em tanto tempo senti que respirava o mundo inteiro. Mais tarde: eu sentado no sofá, reencontrando a memória do teu toque a cada instante, em todo o lado; o meu peito débil ditou que do meu olho caísse uma daquelas. Respirar-te foi vergar o tempo à irreduzibilidade da existência.

E essa curva: convulsão e metamorfose. Onde foste depois que a fizeste?

E o Ruben Amorim lá se vai safando, han?

Envia a tua crónica desportiva!

Novembro

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
10 Churrasco NAS / Quiz Night - TunaMaria	11 Rally Tascas NUCORES / GAT: Rastreo HIV-ISTs	12 Workshop Modelação 3D / Workshop Remendos	13 Churrasco PATA / <u>Curso de Estética, Arte e Filosofia</u>	14	15 Projeto Cardal	
	18 Churrasco Mat / Quiz Night - NBCM, NuBioq e NEQB / ALETRIA	19 Workshop Embedded Systems	20 Churrasco NEEC / <u>Curso de Estética, Arte e Filosofia</u>	21 "O Canto Americano" (NNT)	22 Bazar do Zentai	
	Ver o património industrial					
	25 <u>Curso de Estética, Arte e Filosofia</u>	26 QueerTalk / Churrasco CoPe Informática	27 "Good Will Hunting" (NC)	28 Churrasco NuMAC	29	30
					Banco Alimentar	
	2 Coletivo TRICICLO / GAT: Rastreo HIV-ISTs	3 Churrasco CoPe Engenharia do Ambiente	4 <u>Hetta, Cave Story, Reia Cibele e Prado</u>	5	6 <u>Ana Lua Caiano</u>	7 <u>Comedy Night: Host Rui Unas</u>
				Barreiro Rocks		
	Ciclo de Cinema "Vidas em Perspetiva"					

Dezembro



	10 Ciclo de Cinema "Vidas em Perspetiva"	11	12	13 <u>Mercado Urbano de Almada</u>	
16 ALETRIA	17			20 <u>Samuel Úria</u>	
"Vidas em Perspetiva"					
23		25 Errm... Era alguma coisa não me lembro...		27	
				28	
				Festival Emergente	
29					
Emergente					

Agenda FCT

10 nov

Quiz Night - TunaMaria

Sala Ágora - 20h30

Inscrição (até 7 de novembro) necessária.

11 nov

Rally Tascas NUCORES e Happy Hour no Divina

Inscrições para o rally fechadas, mas a happy hour é para todos!

11 nov e 02 dez

GAT: Rastreo Gratuito Cofidencial HIV-ISTS

À frente da Biblioteca - 10:30 a 16:30

12 nov

Workshop de Modelação 3D

Sala do NEEC, cave do Ed.X - 14h30

Um Workshop do NEEC onde irás aprender a usar ferramentas como Onshape para desenhar peças 3D parametricamente. Se quiseres aprender CAD inscreve-te! Requer computador próprio e é recomendado a criação de conta no Onshape.

Workshop de Remendos

Sala de Núcleos - 15h15

Workshop onde os participantes poderão remendar uma peça própria guiados pelo NuCraft e aprender algumas técnicas de remendo.

15 nov

Projeto Cardal: Plantação de Microfloresta

Ponto de encontro: Entrada da Biblioteca Municipal Maria Lamas - 15h00

Promoção da biodiversidade: Construção de caixas-ninho para passeriformes e abrigos para morcegos.

Gratuito mediante inscrição.

18 nov

Quiz Night - NBCM/NuBioq/NEQB

Espaço a ser divulgado nas redes sociais dos núcleos - 18h00

18 e 19 nov

Modos de ver o património industrial: multidisciplinares, territoriais, prospetivos

Audatório da Biblioteca e online

Encontro e conferências com temas ligados à indústria e património técnico e industrial.

18 nov e 16 dez

ALETRIA - Biblioteca Itinerante: Máscaras com Histórias

Relvado da Biblioteca - 11h30 a 15h30

A Aletria, em parceria com o GAPAV e em co-criação com o NuLit e o NuCraft, vem trazer aos espaços da Universidade um projeto de vivências introspectivas partilháveis, partindo de frases anónimas sobre os desafios multidimensionais que os jovens enfrentam depositadas em caixas expalhadas pela faculdade, e construindo um painel-mapa num espaço comum da universidade.

19 nov

Workshop de Embedded Systems

Sala do NEEC, cave do Ed.X - 14h30

Vem fazer um projeto do 0 com o NEEC, aprendendo as diferentes fases de desenvolvimento e os diferentes desafios. Iremos fazer um pequeno projeto de brincos com leds controlados por um microcontrolador, desde o design do circuito até ao envio para fabrico! Se queres aprender Embedded Systems e como começar inscreve-te!

Requer computador próprio com o KiCad instalado.

21 nov

"O Canto Americano" - NNT

Audatório da Biblioteca

Hoje, o mundo dá palco a quem é forte, astuto e poderoso para que nos proteja, nos guie e, sobretudo, nos sustente. Fechamos os olhos

aos meios usados para o alcançar. Consolamo-nos com o pensamento de que, já que é impossível controlar tudo, então é melhor não controlar nada.

O NNT apresentará uma exploração destes conteúdos, a partir da obra "Todos Meus Filhos" de Arthur Miller, e que envolve cenas das nossas séries favoritas como *The Sopranos*, *Breaking Bad* e *Bojack Horseman*.

22 nov

Bazar do Zentai

Sala Ágora - 10h00 a 18h30

Evento de cultura Otaku com bancas de artistas convidados e atividades. Organizado pela NovaSekai.

26 nov

QueerTalk

16h00

A oradora Juliana Couto, psicóloga afirmativa no Brasil, convida a discussão em torno do tema "Género, sexualidade e imigração: reflexão sobre interseccionalidade e saúde mental".

27 nov

"Good Will Hunting" - NC

Audatório da Biblioteca - 17h

29 e 30 nov

Banco Alimentar

Promovido pelo Ecozoic

02 dez

Coletivo TRICICLO - ARTWORKS FOR SCHOOL

Relvado da Biblioteca - 13h30 a 15h30

Jovens Artistas Plásticos da FBAUNL e de FBAUNC dinamizam uma atividade com os estudantes da NOVA FCT onde são criadas dinâmicas coletivas entre alunos através da expressão plástica, recorrendo-se a uma variedade de técnicas, que englobam tinta acrílica, pastel de óleo, tinta da china, spray graffiti, carvão e tinta de aguarela.

Adiado para janeiro

"Entre Quatro Paredes" - NNT

Audatório Fernando Lopes-Graça - 21h00

O que conta uma casa? Que segredos guardam as paredes? O que faz uma pessoa?

Uma exploração artística do que foi, do que é e do que esperamos que seja.

Quatro intervenientes num constante jogo de controlo. Uma casa onde o poder é um véu e a identidade uma gaiola.

A porta está ali - sempre esteve. O que significa atravessá-la? Um palco, um mundo, uma casa, um quarto, quatro paredes.

Atividades Semanais promovidas pelo GAPAV Segundas

Sessões de BIODANZA

13h00 - 14h00

Sessões promotoras de bem-estar integral através de movimentos, dança, música e propostas em grupo e/ou individuais.

Terças

Sessões de TAIJIWUXIGONG

17h00 - 18h00

Atividade promotora da saúde cuja prática se insere na tradição budista e taoista, através de exercícios de movimento, som e meditação.

Sessões de MINDFULNESS

13h30 - 14h00

Atividade cuja prática contribui para a qualidade de vida porque melhora a gestão da ansiedade e a sensação de autocontrolo.

Sextas

Body Friday

Relvado da Biblioteca - 12h a 12h30

Este encontro visa convidar a comunidade da FCT a partilhar um momento de comunhão com a natureza.

Agenda externa

Eventos recolhidos com ajuda do NuMAC

13, 20 e 25 nov

Curso livre de estética, arte e filosofia: pensadoras portuguesas do século XX, com Rui Lopo

Biblioteca Central, Almada - 19h00

Aulas lecionadas por Rui Lopo, formado em Filosofia e membro do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira.

Gratuito

02 a 05, 10, 16 e 17 dez

Ciclo de Cinema "Vidas em Perspetiva"

Fórum Municipal Romeu Correia, Almada - 21h00

Gratuito mediante reserva

04 dez

Hetta, Cave Story, Reia Cibele e Prado

Casa Capitão, Beato, Lisboa - 20h

Hetta apresentam o disco "Acetate"

16,50€

05 a 07 dez

Barreiro Rocks

ADAO/Locomotiva, Barreiro

Festival de música

Bilhete diário 25€, passe geral 40€

06 dez

Ana Lua Caiano

Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada - 21h00

15€

07 dez

XMAS Comedy Night - Host Rui Unas

Praça da Liberdade, Almada - 21h30

Parte do programa "Feliz Almada 2025"

Gratuito

13 dez

Mercado Urbano de Almada

Complexo Municipal dos Desportos "Cidade de Almada"

Residentes ou estudantes em Almada (tu) podem se inscrever até 23 de novembro para ter um espaço nesta feira para mostrar os seus produtos e marcas.

20 dez

Samuel Úria

Praça da Liberdade, Almada - 21h30

Parte do programa "Feliz Almada 2025"

Gratuito

27 a 29 dez

Festival Emergente

BOTA, Anjos, Lisboa

Informações ainda não disponibilizadas

E o desporto?

Jogos das equipas AEFCT

Voleibol F	27/11	04/12	18/12
Voleibol M	12/11	25/11	09/12
Basquetebol F		19/11	11/12
Basquetebol M	06/11	25/11	10/12
Futsal F	20/11	03/12	16/12
Futsal M	26/11	09/12	18/12
Andebol M		12/11	04/12
Futebol 11 M	20/11	04/12	16/12

E a bifana?

Calendário de churrascos

NAS - 10/11

PATA - 13/11

CoPe Materiais e NuMat - 18/11

NEEC - 20/11

CoPe Informática - 26/11

NuMAC - 28/11

CoPe Engenharia do Ambiente - 03/12

Duality, por Orlando Ferreira

The mind drifts
The paradigm shifts
It was not yet time
We changed the scripts

Two brothers sworn
A union was born
Once unbreakable
Now naught but torn

Two souls oathbound
From the skies to the ground
There was once warmth
Now not even a sound

My journey ends now
(You are not yet ready to bow)
It must be done, for me and you
(Please brother, think this through)
There is no turning back
(You're strong, you will not crack)
Worry not, it will all end soon
(I don't want to see a night with no moon)

(But tell me brother, why...?)
I know nothing other than cry
No matter how hard I try
Perhaps if I make the journey
All the way to the sky...
The time is nigh

(But what about me?!)
I thought of that, you see?
When I'm buried under that tree
You will not shed a tear
Elsewhere you'll spill your tea
With someone, gazing at the sea...

I just don't want you to pretend
To stay with me until the end
(And I won't stay with someone
Whose heart I cannot mend)
So you will just leave me alone?
Our oath, like that, just blown?

The silence, deafening
His words, threatening...

No, this is not right
There is still a reason to fight
There is no fear in sight
I'll burn the skies tonight

I was happy, that's what I'll chase
I'll not let my mind push me from grace
This will be no more than a phase
And once more we'll be united face to face!



Amote Rute, por Gaiato Anónimo

vejo-te, babe
da biblioteca ao VII
isto de vir às aulas,
realmente, é um frete

Demasiadas vezes penso, por Afonso Martins

Demasiadas vezes penso.
Desta vez, pensei:

"E se conseguisse deixar de pensar,
Nem que por um momento?
Se deixasse de pensar à frente
E me focasse no presente?
Ganharia mais contentamento?
Perderia o meu sofrimento?
Será que me seria producente?"

Por vezes penso...

Esta página está à espera do teu poema!

Submete-o via:

E-mail - amargemqb@gmail.com

Instagram - @amargemqb

T de Tulipa, Glinda to Elphie

Tulipa! Tão... triste. Talvez o tempo, tirano, tenha tramado este termo. Tantas tentativas, tantos trilhos tortuosos...

Todavia, trago. Trago o teu toque. Tive por um instante o teu afeto. E ter-me... ter-me tido tão tenra estima, foi um triunfo. O sentimento mais terno, mais total. Um tesouro, transitório, que tento reter.

E tu... tu travas tormentas. Terríveis. Tribulações tácitas que te trespassam. Tantos tumultos, tanta turbação que tu, tenaz, tentas tolerar. Tu, tal como esta tulipa, tão terna, mas tão... testada.

Tenta, pois, ter isto em mente, para todo o tempo: tens o meu tempo, sem truques. Um testamento de tranquilidade, de total... transparência.



Estudante da FCT aterroriza praia na Caparica

O incidente ocorreu por voltas das 11 horas daquele sábado em que fui às compras com a minha sogra apesar de estar a chover.

Chegaram ao posto da polícia denúncias de que um jovem, em terra e em mar, se debruçava e roçava violentamente sobre uma prancha.

Completamente nu. Em pêlo. Como veio ao mundo.

As denúncias foram efetuadas por meia-dúzia de casais de reformados, transeuntes habituais daqueles areais, e

também por um grupo de jovens estudantes que se preparava para realizar uma aula, ali, naquela hora.

Foi possível contactar o agente da autoridade responsável pela operação:

«Pelo que pudemos averiguar desta ocorrência, todos os factos parecem apontar para um equívoco - pelo qual este jovem, naturalmente, deverá responder. O indivíduo entrou recentemente na Faculdade de Ciências e Tecnologia da NOVA - e terá confundido o nome NuSurf com SurfNu.»

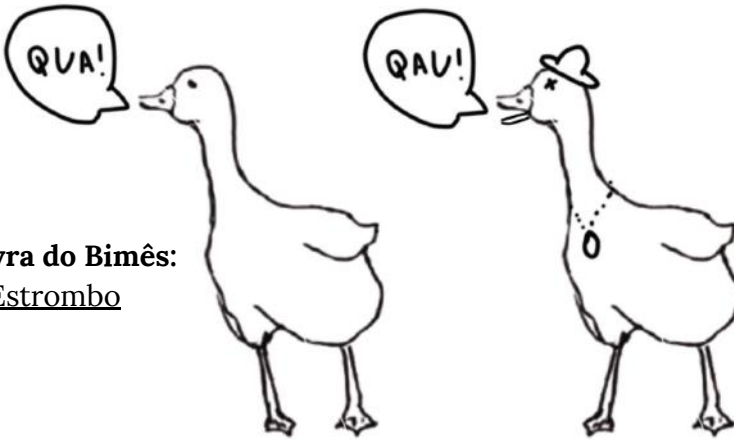
À Margem q.b. : O Filme

Brevemente num cinema perto de si.

À Margem q.b. : O Indivíduo

Brevemente perto de si.

Descobre as seis diferenças entre estas duas aves radicais !!!



Palavra do Bimês:
Estrombo

E (se tiveres tempo) descobre os 8 patos malucos escondidos nesta revista!
E, já que estamos numa de descobrir, descobre quem desenhou os patos, quem escreveu este parágrafo e o que raio se está a passar com a situação do **Ruben Amorim!**

Prestígio FCT-ense

Ao trigésimo dia do mês de outubro do corrente ano, o Instituto Português de Geografia (IPG), após um longo processo moroso de deliberação, inspirado por toda a certeza e rigor que a ciência pode auferir e propiciar, pode garantir que o Urinol Um da Cantina é, indubitavelmente, o maior lago artificial de toda a Península de Setúbal.

Os nossos sinceros agradecimentos a todos os que, pela sua persistência imberbe contribuíram com a sua urina para este nosso laguninho.

Obrigado, Rodrigo do 13, 2ªA:
foste o que mais contribuiu para esta conquista!

Factos À Margem

Sabias que a existência desta página acrescenta um custo de 5 cêntimos à revista? - Isto não é bem verdade!

Mini-espço Mistério

Espço Mistério

Espço Mini-stério

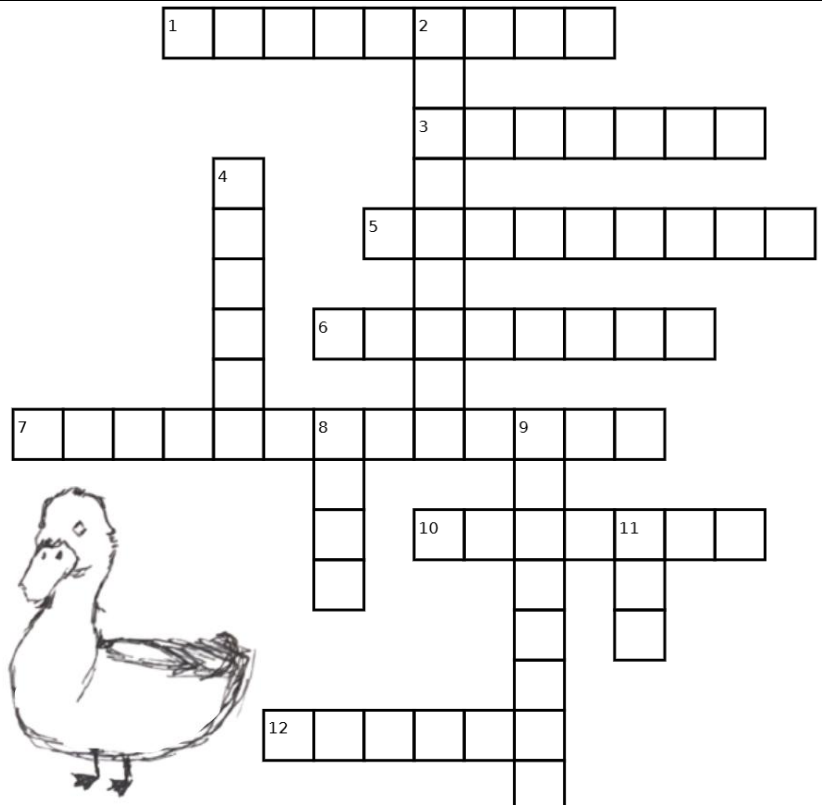
PALAVRAS FCT-ZADAS!

Horizontal:

1. Aquilo que sentimos na Época de Exames.
3. Grupos de estudantes que dão vida ao *Campus* da FCT e promovem atividades dentro de diferentes nichos.
5. O que o Alferes chamou ao Cristiano Barata na última AGA.
6. Aquilo que queremos que baixe, mas só continua a subir.
7. O edifício que está a afundar.
10. O Relvado da Biblioteca.
12. O sítio da Drena e dos Afters de qualquer festa na FCT.

Vertical:

2. Os que pensam que vão competir com o Lidl...
4. Eu sou uma [...] / Eu sou uma [...] / Não tenho garfoo....
8. *The man the mith the legend of the* Cantina.
9. O café onde metade da FCT passa as suas tardes.
11. Ajuntamento legal de alunos que tomam consciência das fragilidades da sua instituição e adquirem a atitude de mudança.





**Colaboração além da
investigação: como podem os
cientistas cooperar numa
economia comunitária**
Por **Martim de Freitas**

A visita ao EuRoC 2025, que decorreu no dia 13 de outubro, foi uma experiência incrível! Tivemos a oportunidade de conversar e entrevistar várias equipas participantes, o que nos deu uma enorme motivação para continuar a desenvolver o nosso Projeto ASTRO (que ambiciona participar no EuRoC) e a todos os estudantes da Universidade NOVA que sonham em construir e lançar o seu próprio foguetão numa das maiores competições europeias desta área.

Vivemos intensamente o espírito do EuRoC no Paddock, onde acompanhamos as equipas a prepararem-se para os voos e a regressarem do campo de lançamento. Foi um ambiente cheio de energia e entusiasmo pela engenharia aeroespacial.

Se quiseres ver um pouco mais desta aventura, passa pelo nosso Instagram!

Além disso, graças ao recrutamento que realizámos no mês passado, demos início a um novo projeto dentro do NuAr, a NuAr Summer School (NSS). Esta iniciativa ambiciona tornar-se a primeira Escola de Verão em Portugal com o tema aeroespacial, oferecendo aos estudantes pré-universitários uma oportunidade única de aprender, explorar e pôr em prática os seus conhecimentos neste campo tão fascinante.

**Cycling Cities: The
Lisbon Experience**

O livro, com o nome em título, foi escrito no âmbito do projeto de investigação **Hi-BicLab - Laboratório de História para Mobilidades Urbanas Sustentáveis**, coordenado pelo Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT) da Universidade de Lisboa e Universidade NOVA de Lisboa (ao qual pertencem docentes e investigadores da NOVA FCT), e realizado em conjunto com outras três unidades de investigação nacionais. O projeto foi financiado com fundos nacionais pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Este livro faz parte da série de livros *Cycling Cities*, que agora contará com uma análise histórica, social e de políticas públicas da utilização da bicicleta na cidade de Lisboa.

A ciência é o maior projeto colaborativo da humanidade. Bancos de dados públicos, revisão por pares, projetos partilhados, tudo bons exemplos de como o apoio mútuo é o verdadeiro motor da investigação.

No entanto, a transformação deste caldeirão de conhecimento em produtos/serviços segue sempre a via privada e desconectada dos muitos investigadores que contribuíram para a pesquisa, dos trabalhadores que fabricam estas soluções e das comunidades que as utilizam. Concretamente, seguem o modelo de *start-ups*, cuja dependência inicial de grandes investidores e de lucro rápido e elevado faz com que apenas projetos altamente rentáveis avancem, levando também a que muitas destas soluções venham com preços inoportáveis para quem mais precisa. Não deixa de ser necessário também criticar o modelo público de financiamento da investigação, que negligencia a ciência fundamental, é centralizado e pouco democrático e privilegia projetos de grande escala, esquecendo as comunidades locais.

É da necessidade de superar o modelo *investigação pública, produto privado* que nasce o novo conceito de *cooperativas de pesquisa e desenvolvimento (P&D)*. As cooperativas são empresas nem públicas, nem privadas, mas daquilo a que se chama o “terceiro setor”, caracterizadas pela adesão livre, gestão democrática e distribuição proporcional de lucro, ou seja, mecanismos de colaboração. No caso da P&D, o foco está na união de investigadores, professores, alunos e membros da comunidade interessados em pesquisar sobre tópicos que têm relevância social, mas que não se encaixam num modelo lucrativo de alta expansão. É importante não confundir com o conceito de ciência-cidadã, cujo foco é o envolvimento das comunidades na recolha de dados e a educação. As cooperativas de P&D dão o próximo passo: aplicam na esfera económica as boas práticas da colaboração em ciência.

Mas de que forma as cooperativas de P&D são vantajosas face às atuais alternativas?

Primeiro, democratizam a investigação, descentralizando-a e trazendo à participação um leque de membros da comunidade. Isto remete para a segunda grande vantagem: permite que a pesquisa tenha um objetivo claro e de necessidade imediata, respondendo a problemas locais que de outra forma ficariam em segundo plano, por não serem muito lucrativos ou de interesse global. Assim, há um retorno garantido que é independente da capacidade de acesso a tal produto/solução por parte do consumidor.

Tomemos o seguinte exemplo fictício que tem lugar em Almada, onde o cooperativismo já é histórico: um grupo de agricultores das Terras da Costa quer adotar um cultivo sustentável, mas desconhecem como adaptar o solo e as técnicas existentes. Entram em contacto com investigadores da NOVA FCT que reconhecem tratar-se de uma ideia importante e criam em conjunto uma cooperativa *multissetorial* (ou seja, que tem atividades de várias áreas) dedicada a pesquisar boas práticas de cultivo nesta comunidade e a produzir produtos de origem responsável.

No entanto, esbarram no primeiro problema: investimento. Investigadores e comunidades por si só não têm fundos suficientes para financiar infraestruturas e logística. Procuram empréstimos, concursos, mas estas opções são rejeitadas dada a escala limitada do projeto. Então, pensam no conceito base desta iniciativa: a colaboração. Decidem integrar uma *confederação* que reúne várias cooperativas de agricultores, que funcionam em rede e fornecem apoio para pequenos projetos sustentáveis. Estabelecem parcerias com associações de agricultores que conhecem projetos similares noutros locais e conseguem partilhar experiências passadas. Contactam a autarquia local para procurar um maior envolvimento comunitário e financiamento de pequena escala.

Ultrapassado este desafio, a P&D resultou num volume de conhecimento que permitiu os agricultores implementarem a sua ideia com sucesso e a começarem o cultivo, mas surge um segundo problema: a sustentabilidade económica do projeto. Os agricultores têm dificuldades em vender e valorizar os alimentos cultivados e a atividade de P&D está

sem rumo, limitando o retorno financeiro. A solução passa de novo pela colaboração, mais concretamente pela expansão. Os agricultores, dentro da confederação que integraram, começam a levar os seus alimentos a locais de transformação em outros produtos de valor acrescentado, com a secção de P&D a investigar como pode melhorar estes. Também decidem integrar uma cooperativa de consumo (supermercados) onde podem mais facilmente vender em diversas lojas. O modelo prospera e outras comunidades decidem replicá-lo, ampliando a rede e o conhecimento partilhado.

As cooperativas de P&D podem assim ser uma realidade que valoriza o trabalho dos investigadores ao mesmo tempo que criam soluções concretas e dinamizam a comunidade, numa estrutura não isolada, como o atual modelo de *investigação pública, produto privado*, mas sim multissetorial, que abrange a pesquisa, produção e venda. Apesar de existirem casos reais que se regem por princípios similares, como a *Open Source Ecology* ou comunidades rurais do Quênia, ainda não estão estabelecidos modelos cooperativos sustentáveis e de longo prazo, muito por lutarem por recursos contra *start-ups* que têm de crescer rápido e a todo o custo.

E assim se estabelece uma economia comunitária, assente no princípio mais belo da ciência: a colaboração.

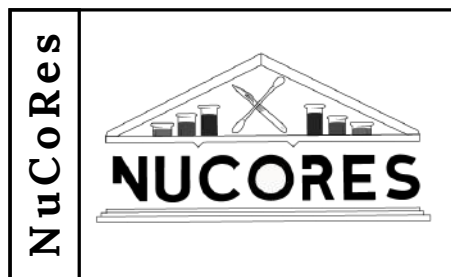
- Martim de Freitas



Quem disse que cientistas e engenheiros não podem subir ao palco e ganhar prémios de melhor núcleo de teatro universitário do país? Ninguém, mas consegui fazer com que lesse esta frase até ao fim. O **Novo Núcleo Teatro** é a tua oportunidade de te juntares a um grupo que vai partilhar experiências contigo em palco e onde vais desenvolver ligações que te irão preencher durante anos (afinal temos um grupo com membros que pertenceram há 30 anos). Com

peças longas e pequenas interpretações, há um espaço aqui para ti e para as tuas ideias. Junta-te a nós!

Manda mensagem para o @nnt.fct e vem a um dos nossos ensaios.



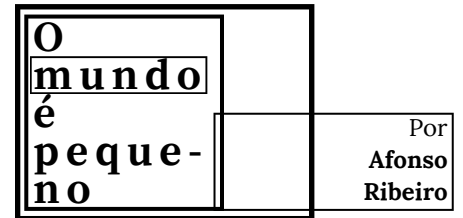
No CurioTopic deste mês, mostramos-te uma intervenção de restauro que foi capaz de devolver um tesouro antigo a uma das várias salas do Palácio Nacional da Pena!

Durante décadas, uma das salas mais enigmáticas deste Palácio, a Segunda Sala de Passagem, escondeu uma decoração exótica, com pinturas inspiradas em motivos orientais e tons profundos de azul e ocre. Sob camadas de intervenções do século XX, escondia-se a decoração original encomendada nos anos 60 do século XIX, por ordem de D. Fernando II.

Agora, após um minucioso trabalho de investigação e restauro, que durou cerca de um ano, este tesouro volta a ver a luz do dia, transformando por completo a atmosfera desta sala. Recuperaram-se os tons elegantes, as influências orientais e o ambiente exótico e romântico que tanto fascinava o monarca, devolvendo o esplendor à sala. O restauro trouxe também de volta o mobiliário e objetos escolhidos por D. Fernando II: arcas orientais, cerâmicas chinesas, jarras de faiança, uma curiosa terrina em forma de lebre e até quadros de artistas como João Cristino da Silva. As cortinas foram recriadas segundo modelos históricos, em renda de tear tradicional, para devolver autenticidade a cada detalhe.

Este projeto não só devolveu a estética original a esta pequena parte do Palácio, como também nos convida a repensar quantas camadas de história ainda estarão por descobrir!

Se gostaste desta rúbrica e quiseres conhecer mais curiosidades no âmbito do património, podes seguir-nos no *Instagram*: @nucores.fct.



- 1

Vasily Vasylovych Lys, natural de Chernihiv, Ucrânia. Nascido a 26 de abril de 1965, durante a corrida ao espaço. Desde tenra idade mostrara ser um rapaz inteligente ainda que matreiro, sempre sorridente quando era deparado com as asneiras que fizera. Teve uma infância soviética e uma adolescência soviética. Boa educação e muito desenrascanço para se ter o que se quer. Não era fora do comum ir fazer as suas brincadeiras com amigos para os arredores de Prypiat. Tendo visto a construção do reator à medida que ia crescendo, decidiu cursar engenharia nuclear na esperança de lá arranjar um emprego. Na primeira semana já tinha faltado a metade das aulas. Estava mais interessado em festa e bebida do que física e matemática.

Dedicou-se então à segunda coisa mais próxima e virou electricista, algo mais manual. Uns anos depois, com algum marranço e muita diversão à moda eslavo-estudantil, é entregue ao mundo do trabalho e com uns favores de antigos professores que até lhe acharam piada e de alguns amigos de família, lá consegue o tal trabalho na central nuclear.

Podia não ser um operador de reatores ou semelhante mas já estava melhor encaminhado que muita gente que conhecera. Era um excelente trabalhador. Desenrascado e prestável.

Como acabara de entrar, segundo protocolo, deveria estar acompanhado de um colega mais experiente. Este acompanhá-lo-ia na manutenção das máquinas, arranjos de avarias e outros afazeres. Assim conheceu Alexei Petrovych Protsenko.

Juntos, faziam os turnos da noite. A noite traz consigo os eventos mais bizarros e algum grau de secretismo. Conseguem ter mais margem para brincar sem ter superiores a darem-lhes na cabeça. Competições parvas de quem é que aguenta mais voltagem ou o ocasional jogo de cartas. Tudo para manter o tédio afastado. O profissionalismo não era muito,

mas, ao menos, as coisas pareciam feitas e o trabalho cumpria os critérios. Uma certa noite, de uma maneira que lhes é alheia, um veado entrou para dentro dos sistemas de reserva de energia para casos de emergência. Alexei seguia-o lentamente enquanto o animal o olhava de lado e, sem correr, tentava esconder-se por entre a infraestrutura. Alexei perdeu-lhe o rasto e, do mesmo modo que entrou, o veado parece ter saído. Nunca mais ninguém o viu. Eles escolheram não dizer. Alguém acreditaria? Provavelmente não. Já foi uma sorte o veado não ter desatado a correr e ter-se espetado contra um dos transformadores. A preocupação deles nem era com o veado, mas sim com a quantidade de horas extra que iam ter que gastar a arranjar aquilo caso o dito acontecesse.

Fazia já um mês que já trabalhava e foi então convidado para o seu primeiro teste rotineiro. Pediram-lhe para vir mais cedo visto que ia acontecer um teste ao reator. Aceitou relutantemente porque queria celebrar o seu aniversário, mas, como se encontrava há pouco tempo no trabalho, não queria dizer que não.

Vasily ouvia atentamente Alexei a explicar o aborrecido processo do que ia acontecer naquela noite. Qualquer coisa desligar o reator... qualquer coisa ventilação... qualquer coisa... Qualquer coisa...

Chegara a hora de começar o teste. Alexei e Vasily estavam no seu posto. Alexei, com telefone na mão, a receber as ordens para desligar alguns sistemas de segurança e Vasily a monitorizar dados relevantes.

Quando deram por eles, tinham um minuto para falar.

Alexei: "O que é que estavas a pensar em fazer para o teu aniversário?"

Vasily: "Não sei... Talvez estar a fazer um teste de rotina à uma da manhã. O que é que tu achas?"

Alexei: "Melhor que cair para o lado, podre de bêbado."

Vasily: "Cair para o lado é o que eu vou fazer quan—"

Ouviu-se um grande estrondo. O reator número quatro acabou de explodir.

- 2

A guerra no Afeganistão estava ao rubro e os sinais de uma vitória

decisiva começavam a desaparecer devido ao grande apoio do ocidente aos Mujahideen. Isto levou a União Soviética a recrutar mais intensivamente. Muitos destes eram jovens e não tinham qualquer escolha ou direito a uma opinião. Vasily, como muitos outros, foi recrutado numa das maiores levas.

Longe da sua terra natal, onde experienciou o inferno na terra, teve direito a um novo começo num novo local. Ironicamente, de todos os locais que poderiam dar lugar a um novo começo, esse local foi o exército.

Originalmente colocado na infantaria, a sua falta de apreço pela própria vida demonstrada no campo de batalha e uma boa pontaria à mistura, levaram-no a ser escolhido (ou castigado, dependendo da perspetiva) para treino de *sniper*. No total, foram mais dois meses de treino e estava de volta às linhas da frente.

Ao contrário da infantaria que, no calor do momento, sem pensar muito, dispara e mata quem tem à sua frente para se proteger a si mesmo e aos seus camaradas; ou a artilharia que não costuma ter contacto visual direto com o resultado das suas ações, um *sniper* mata de modo premeditado e vê tudo a acontecer através da sua lente. É necessário uma dormência tal para com a moralidade para o fazer repetidamente. Enunciadas pelo seu *spotter*, na mente de Vasily repetem as seguintes palavras constantemente:

"vento da esquerda para direita, 4 metros por segundo..."

"Alvo a 500 metros de..."

"Morte confirmada..."

Até que certo dia essas palavras tão rotineiras tornaram-se em algo diferente. Agora tinham os nomes dos camaradas:

"Parece que um dos nossos acabou de morrer..."

"Destá vez foi o Andrei... Não percas a calma ainda e mantém o olho no flanco esquerdo."

"O raio do georgiano Giorgi foi pelos ares... Acho que está na altura d-."

Ele ouve um som ao lado dele. As palavras cessam. Ele olha para o lado e o seu *spotter* está morto.

- 3

Álcool é o remédio de escolha para

qualquer pessoa que queira afogar as suas mágoas. No ponto de vista de terceiros, não passa de mero escapismo, mas, para quem sofre da maneira que alguns sofrem, é o seu único consolo imediato. O problema é que este consolo, muitas das vezes, deixa de consolar e só exacerba.

Vasily viu mais do que o mero mortal é suposto ver numa vida e ainda nem tinha 30 anos. O seu melhor amigo morreu. Muitos outros camaradas também morreram e ele começava a ficar sozinho, tendo que se contentar com os novos recrutas que nunca sofreram em conjunto com ele. O álcool tornou-se no seu novo melhor amigo.

Como é expectável, não durou muito tempo até o seu comportamento se tornar errático e não cumprir ordens. Isto levou a um ciclo de castigos acompanhados de bebedeiras que acabavam em mais castigos.

Certo dia, fuge, armado, para sabe-se lá onde, numa fúria desalmada impulscionada pelo álcool. Isto culmina na morte de uma criança.

- 4

Vasily, preso, em Moscovo, é apresentado com a seguinte proposta: "Ou ficas aqui preso para a vida ou nós tiramos-te da prisão e trabalhas para nós". Uma oferta aliciante da máfia russa! Ora, Vasily não era nenhum estúpido. Quem é que deseja uma vida na prisão? Se é que podemos chamar isso de vida... Arriscar a sua vida para fazer a vontade de outros tinha sido a sua linha de trabalho anterior. Nada mudaria. Ele aceita a proposta sem hesitar.

Após umas semanas de burocracia, dá-se por ele livre. Desejoso por começar o seu trabalho, assim que pôde, entra no primeiro avião para a outra ponta da Europa.

- 5

Anos mais tarde dou por mim a trabalhar num restaurante à beira-mar. Dentro estava este homem ucraniano a beber vinho do porto. Segundo ele, era a prescrição do seu médico para combater os efeitos da radiação. Os meus colegas de trabalho todos o conheciam. Aparentemente, ele já tinha trabalhado lá fazia anos. Fugiu para Portugal à procura de uma vida melhor e acabou a lavar pratos na

nossa copa. No ano anterior a eu começar a trabalhar, "reformou-se". Já não tinha capacidades.

Aparecia para dizer um "olá" aos antigos colegas e beber um bocado. Pelo que entendi, o seu maior divertimento era ver os jogos de futebol do clube local e jogos do Benfica. Um ano mais tarde, ainda nem tendo 60 anos, morre cedo, provavelmente por causa dos efeitos da radiação. Era tão louco por bola que é sepultado com a camisola do seu clube favorito.

Morreu na mesma data do meu aniversário, o que me deixa um pouco confuso sobre o que achar sobre tudo isto...

- Afonso Ribeiro

NAS

Núcleo de Ambiente e Sustentabilidade

Imagina atravessares um oceano aberto num simples caiaque, numa longa jornada de 42 km. Imagina o mesmo caiaque ser feito de cogumelos. Imagina agora teres sido tu a construí-lo, ou melhor, a cultivá-lo. Foi o que fez Sam Soemaker, artista, cientista e micologista. Demorou 12 horas a sua "experiência psicadélica" como o próprio menciona, mas que foi necessário um ano de tempo e recursos para produzir apenas aquele caiaque.

Sam iniciou a sua carreira como artista criando esculturas com cogumelos propagados artificialmente. Foi expandindo os seus interesses e começou a fazer parte de uma pequena comunidade de cientistas e artistas que exploram o potencial da inovação fúngica como um material alternativo. Os materiais à base de micélio (seco) num contexto aquático apresentam muitas das propriedades atraentes do plástico, como ser leve e flutuante, mas sem a pegada "prejudicial".

Juntando os seus conhecimentos sobre cogumelos e de engenharia, cultivou e secou o micélio num molde (obtido através de um caiaque de pesca) e, assim, construíram um caiaque com 49 kg, forte e durável. No final das contas, Sam teve a destreza de testar algo novo e de forma criativa mesmo perante a probabilidade de não funcionar e de correr risco de vida ao aventurar-se pelo mar apenas neste meio de transporte orgânico e

NovaSekai



A NovaSekai, núcleo de cultura e arte asiática da FCT, tem o prazer de anunciar o seu primeiro evento deste ano letivo, e claro, que melhor maneira de começar o ano do que com uma nova edição do BAZAR DO ZENTAI! Vai decorrer entre as 10h00 e as 18h30 no dia **22 de novembro**, na Sala Ágora (ao lado da Biblioteca).

"Mas o que é o Bazar do Zentai?" - perguntas tu provavelmente, caso não nos tenhas vindo visitar na primeira edição. O Bazar do Zentai é onde podes encontrar uma nova figura para colocares na tua estante, um novo pin para prenderes na mochila, um novo autocolante para os que já estão no teu portátil terem mais um amigo... Ou seja, é um espaço onde estarão várias bancas de artista, onde teremos também várias atividades preparadas para ti, e o sítio ideal para contactares com uma comunidade com grande interesse em cultura e arte japonesa.

Desta vez temos mais bancas expositoras, mais atividades, desafios, e claro, muita diversão, portanto não te esqueças de guardar a data. Até lá!

confirma na...

AGENDA
A MARGEM

sustentável.

"O maior elogio que me poderiam fazer é construir um barco melhor e tentar uma travessia ainda mais ambiciosa que a minha." Sam deixa o seu desafio, e nós deixamos o nosso: desafiamos-te a entrar no NAS! Para além de projetos de construção aproveitando os resíduos produzidos por outros, realizamos atividades de educação e sensibilização ambiental, caminhadas, limpezas de praia, *workshops* e projetos/parcerias com associações. Vem fazer parte dum grupo de alunos, das mais diversas áreas (o núcleo não é apenas para os estudantes de Engenharia do Ambiente da NOVA FCT) que ambicionam a mudança na nossa comunidade FCTense, e muito mais além! Dá uma vista de olhos na nossa página do *Instagram* (@nasfct) e não hesites em falar connosco! A notícia foi adaptada a partir do jornal *The Guardian*.



Ilustração submetida pela NovaSekai

Eleições na FCT

Informações Importantes
- com o apoio da AEFCT -

Avizinham-se alguns períodos eleitorais com grande potencial de impacto na vida dos estudantes. Serão eles eleições:

- para os representantes para as Comissões Pedagógicas;
- representantes para o Conselho Pedagógico;
- para os Órgãos Sociais da AEFCT para o mandato de 2026.

Seguem abaixo as datas relativas aos diferentes momentos de cada eleição.

Conselho Pedagógico e Comissões Pedagógicas (representantes):

- Período de entrega de listas - **4 a 8 de novembro** de 2025;
- Afixação das listas no site da AEFCT - **11 de novembro** de 2025;
- Período de votações - **15 a 20 de novembro** de 2025.

AEFCT (Órgãos Sociais):

- Período de entrega de listas - **13 a 19 de novembro** de 2025;
- Período de campanha eleitoral - **22 a 30 de novembro** de 2025;
 - Debate entre listas candidatas - **27 de novembro** de 2025 (horário e local a definir);
- Período de votações - **2 a 4 de dezembro** de 2025.

Embora sejam eleições de naturezas diferentes, com consequências diferentes, em ambas se identifica importância e poder para servir os estudantes.

Informa-te, reflete e, caso se propicie, **mobiliza-te**. E aos teus colegas, claro.

As Células da Tolerância: Como o Corpo Aprende a Não se Atacar - e Como Isso Venceu o Prémio Nobel

Notícia submetida por: NBCM (Núcleo de Biologia Celular e Molecular)

Foi no dia 6 de outubro que se deu a conhecer ao público os três vencedores do Prémio Nobel da Fisiologia e Medicina de 2025, Mary E. Brunkow (Instituto para Sistemas Biológicos, Seattle, EUA), Frederick J. Ramsdell (Sonoma Biotherapeutics, São Francisco, EUA) e Shimon Sakaguchi (Universidade de Osaka, Japão) pelas suas contribuições na área da imunologia, nomeadamente na regulação do sistema imunitário. As suas descobertas focam-se na tolerância imune periférica mediada pelas células T regulatórias, responsáveis por impedir que as células imunitárias ataquem o próprio organismo.

Antes destas descobertas, pensava-se que a tolerância imunológica resultava apenas da seleção de células imunitárias viáveis no timo, num processo denominado tolerância central, que elimina as células que possam atacar os próprios tecidos. Contudo, em 1988, Shimon Sakaguchi identificou que, para além das células B e T conhecidas naquela época, existiam outras células envolvidas na resposta imunitária, as células **T regulatórias (Treg)**, que hoje sabemos que funcionam como “guardas de segurança” do sistema imunitário. Anos mais tarde, em 2001, Mary Brunkow e Fred Ramsdell, investigaram uma linha de ratos suscetíveis a doenças

autoimunes e descobriram que estes apresentavam uma mutação num gene específico, denominado **Foxp3**. Dois anos depois, Sakaguchi conseguiu associar o gene *Foxp3* às suas observações anteriores sobre as células Treg, demonstrando que esse gene era essencial para o desenvolvimento e viabilidade dessas células. Assim, comprovou-se que a ausência de células Treg leva ao surgimento de doenças autoimunes, devido à falta do processo denominado **tolerância imune periférica**.

Graças às descobertas destes três investigadores, hoje compreende-se que as células Treg controlam outras células imunitárias e asseguram a tolerância aos próprios tecidos. Estas células são produzidas no timo e atuam principalmente nos tecidos linfóides, como os gânglios linfáticos e o baço, bem como nos tecidos periféricos, onde limitam respostas inflamatórias e mantêm o equilíbrio do sistema imunitário. Este avanço aprofundou o conhecimento sobre o sistema imunitário e a base molecular de doenças autoimunes, permitindo o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas, impulsionando a imunoterapia, tanto para controlar respostas imunes excessivas, quanto para reforçar a defesa contra tumores e infeções crónicas.

A PALAVRA ESTÁ A MORRER

Por Zé Costa

As palavras estão a mudar. Isso implica que algo a elas subjacente se movimenta simultaneamente a um nível tão profundo quanto silencioso. Os hífens desaparecem, as maiúsculas encolhem (tornam-se *minúsculas*), letras omitem-se, e embora quando expressado oralmente tudo pareça similar, existem diferenças de natureza conceptual e estética cuja importância creio ser pertinente discutir-se.

Conjeturo um futuro próximo em que não existem acentos e a pontuação se fixa no quotidiano como um acessório arcaico que somente uma faixa obstinada da população – velhos ou pretensiosos,

ou velhos pretensiosos – se ocupa de usar; algo semelhante ao que imagino ter sido a fase de transição entre o usar-se ou não se usar bengala, na respetiva época. Comparação engraçada, esta (*pensei eu, escrevendo*). Porque há planos de comparação e potencial metafórico entre a praticidade e prática da acentuação - e da pontuação - e a bengalagem (ou *uso da bengala*). Mas não me alongarei em analogias fúteis. Aliás, alongar-me-ei sobre muito pouca coisa. No fundo, sou capaz de já ter terminado. (Desculpem terminar novamente desta forma. Prometo conclusões em breve.)

Recolho propostas para otimizar a Língua Portuguesa, sob o mote:
«O Português não pode parar!»

Voo de Ícaro

Por Francisco de Jesus

No terceiro livro de poemas de David Mourão-Ferreira, há um poema – *Hai-Kai* – que reza assim: «Nós temos cinco sentidos: / são dois pares e meio de asas. // – Como quereis o equilíbrio?» É belo o poder transformador que três versos podem ter no imo de alguém.

Diz-nos Sidarta Gautama, vulgo Buda, que a vida deve ser como a corda de uma viola. Se estiver muito solta, não emite som; se estiver muito esticada, parte. Será possível essa perfeita tensão? Ou residirá a beleza nas infinitas, únicas e individuais frequências possíveis?

Retomando o poema do autor d’*Um Amor Feliz*, os sentidos são a nossa primeira arma de decifração do mundo. Contudo, são também os primeiros a nos enganar. Estará aqui o desequilíbrio de que fala David? Valerá, agora, a pena perguntar se o desiderato do caminho do meio (voltando a pedir emprestado os termos budistas) é assim tão necessário. Não estará aí obnubilada a liberdade?

É, deveras, triste terminar todos os parágrafos com interrogações. Concomitantemente, seria de enorme empáfia julgar ter respostas definitivas para estas dúvidas. Tudo à nossa volta, todas as luzes que nos ofuscam, todas as escuridões que nos cegam, todas as sombras que sob vários matizes nos toldam a visão... Tudo isto parece empurrar-nos para uma queda quando tudo o que queremos é ficar estoicamente no altar do equilíbrio.

Bom, não tendo eu pretensões de santidade, não me apraz a ideia de alindar qualquer posto de crença dogmática. Além disso, os tais sentidos que nos enganam são, como diz Mourão-Ferreira, asas. Não devemos olvidar isso. Porquê querer tanto caminhar sobre uma corda bamba quando podemos voar?

Desequilibrado ou não, o meu fito está no voo. E, se porventura, como Ícaro, queimar as asas, não me inquietarei. Quiçá, na queda livre, quando a força gravítica e a resistência do ar simetricamente se igualarem, atingirei o dito equilíbrio.

- Francico de Jesus

Hoje a minha casa ardeu.

Por Tiago Caldinhas

É verdade. Quando se deu o inevitável levava à prática o meu hábito diário, que de fora até é comparável a um ritual, de ficar à porta ao chegarem as onze e quarenta da noite, às escondidas de toda a gente e de toda a coisa que comigo morava, e fumar um e só um cigarro. Seria mais fácil não fumar de todo que cumprir estritamente esta regra, mas pareço nunca negar a atividade, tal é o rotineiro conforto que me provoca, sentimento a que não pretendo renunciar e que apenas me pode ser entregue por esta minha tendência. E decerto por qualquer outra rotina que adotasse naquele espaço de tempo.

Quando chegava a casa já se ouvia a meia-noite, mas não foi isso que me impediu. Já há uns meses que cheirava intensamente a gás na cave, mas ninguém se movia o suficiente para sequer se importar: já há uns anos que cheirava a gás na cave. Não sei o que de um dia para o outro mudou, quantos centímetros a mais teve a corrente de metano de se alastrar, só ao acender o isqueiro me apercebi. Não há onomatopeia que faça justiça ao som do lar a explodir.

Hoje não se veem senão cinzas das paredes que outrora foram, cacos de vidros que já nada escondem, passem por lá se não acreditam, se não tiverem disponibilidade abram o mapa do concelho do Seixal e façam um ponto médio ali entre a casa do Rodrigo e a casa da Constança e *voilà*, verão uma mancha cinzenta em forma de lote.

Foi necessário arranjar uma solução temporária. Em primeira instância, cada um foi dormir para casa de um seu conhecido que de bom grado ofereceu caridade à apologética situação. Não fomos todos para a mesma casa obviamente, para não causar grandes transtornos. Em segunda instância, deixámo-nos ficar, uns por uma razão, outros por outra, eu pela minha.

Culpam-me por este incidente sendo que não fiz nada de anormal? Não está a culpa espalhada um pouco por todos, pela ignorância prestada ao vazamento da botija, por anos e anos a acostumar-nos

em vez de questionarmos o cheiro presente nos nossos armários? Deviam esclarecer-me. Aliás, este argumento iliba-me, no caso de alguém desconfiar, no caso da insegurança de outro que se queira livrar da culpa ou simplesmente encontrar alguém para culpar. Desafio-o a culpar-me. Desafio-o a projetar-me essas exatas palavras a partir das quais se constrói o meu hiper-específico contra-argumento. Tenho saudades das luzes vermelhas, tão indesejáveis em existência. A luz da televisão desligada e da box em *standby*. A luz do micro-ondas a marcar 00:00. A luz do relógio da mesa de cabeceira que tinha de cobrir quando ia dormir, no verão com a minha t-shirt do pijama e no inverno com uma caixa de lenços, recorro agora a sua luz com um brilho diferente. Penso nas pessoas e a saudade passa a raiva, como é que nenhum deles me conseguiu avisar que o cheiro estava mais forte naquele dia, como é que se atreveram a dizer o que disseram naquela discussão já ao calor da fogueira. Instintivamente, invejo o Leonardo por não ter de lidar com este tipo de merdas, por nunca ter tido sequer a oportunidade de formar este tipo de relações. Tudo fumegava ao pensar em como sequer é que podem ser formados monstros como estes na minha cabeça. Imaginei-me então a levantar-me do assento onde pesava, e a bater com uma força proporcional à adrenalina causada pelo estímulo interno, com a cabeça, três vezes no esquentador, ou a dar um murro na janela impulsionado por uma força de auto-ódio, que a partiria em pedaços afiados para me ferirem em toda a extensão do braço. E ficou tudo bem: toda a dívida que tenho pago-a com arrependimento. Para mim é o suficiente e necessário para garantir que não me devo nada, e se não me devo nada, se limpo assim a minha consciência, não devo nada a ninguém. Não importa em que casa eu durma, acordo todos os dias com este animal na cama. Afinal o que é que eu perdi? Paredes, portas? Que valor têm essas? As pessoas, saíram cá para fora. As memórias e os momentos, continuam cá dentro. O tempo, leva-me à mesma. Sinto que perdi alguma coisa, mas não reconheço o que foi.

Deixa estar, não há-de ser nada.

- Tiago Caldinhas

Rúbrica de
Cristiano
Barata

Cristianismos

**Velozes e Furiosos:
A Mão de Júlio César**

Não levantem a mão quando estão dentro do carro para me deixarem passar. Experimentem simplesmente travar.

O cenário é sempre o mesmo. Eu, uma criatura pequena e insignificante, um saco de ossos e ansiedade, coloco-me na fronteira que me separa da segurança da calçada portuguesa. E é neste momento em que o condutor, refugiado pela sua fortaleza climatizada, não se satisfaz com o cumprimento da lei. O mero respeito pelo código da estrada seria, presumo eu, um sinal de fraqueza. Não. O macho alfa, com o desodorizante de Pedrogão Grande e cara de Numeiro depois de qualquer combate, precisa de transformar essa obrigação cívica numa cerimónia de poder.

Ele, o Grande Imperador da Michelin, o Monarca da Faixa Esquerda, tem de executar o seu solene Gesto.

Os cinco dedos oleosos desprendem-se do volante. Por vezes, um simples aceno de cabeça, não com amplitude suficiente para deixar cair a coroa; outras, um movimento de mão aberta saído de uma pintura de da Vinci. Um gesto que não se traduz num "Passe, por favor", mas sim num "Eu, na minha infinita magnanimidade, concedo-te este privilégio. Autorizo-te a continuar a existir. Vai, e não atrases mais o fluxo do trânsito dos Lordes da Cilindrada."

Sinto-me esmagado por esta benevolência não solicitada. Tenho de acenar de volta? Fazer uma vénia apressada? Não, não vou ser complacente com as imposições silenciosas da sociedade atual, vou apenas esperar que o carro se imobilize e continuar o meu caminho pelo código de barras de betão (não sem antes acelerar o passo porque também não sou nenhum monstro).

Por isso não se armem em bons samaritanos que para isso já temos o João Baião, e apenas limitem-se a travar (por favor não me atropelem, preciso de acabar a faculdade antes).

- Cristiano Barata

Esboça a tua primeira submissão:

Commeça-se
por baixo...



para um dia...



Chegar ao
topo



a maneira mais
segura de chegar
à cabeça

